

## As influências do ceticismo pirrônico no raciocínio filosófico do século XVI e XVIII

Lion Granier Alves<sup>1</sup>

### Resumo:

O presente artigo procura discorrer brevemente sobre influência do ceticismo pirrônico no pensamento filosófico do século XVI E XVIII. Foi analisado o ceticismo e religião em Michel de Montaigne a partir da leitura de alguns textos de Giovanni Reale. Foi proposto uma discussão sobre a problemática do questionamento dos critérios de verdade e da nova espiritualidade a partir do pensamento teológico de Martinho Lutero. Foi finalizado com uma tentativa de compreender as contribuições do ceticismo antigo na filosofia iluminista do século XVIII, a partir a libertação dos dogmas metafísicos, das supertições e tradições religiosas ante o raciocínio filosófico iluminista.

**Palavras-Chave:** Religião. Sexto Empírico. Pirronismo. Reforma Religiosa.

### Introdução:

A redescoberta e reintrodução do ceticismo antigo no século XVI conduziu o cenário Europeu a uma nova hermenêutica sobre o raciocínio filosófico da época. Esta ascensão representou uma importância crucial na história do pensamento ocidental. O reaparecimento do Ceticismo na Europa surge concomitantemente com princípio da reforma protestante na Alemanha, que, de acordo com Marcelo (2011) era uma “[...] época de crise na qual as certezas que imperavam durante a Idade Média são postas em questão e novas visões do mundo são propostas, pretendendo revelar os segredos do ser e do conhecer, do natural e do sobrenatural, do Homem e de Deus (DA COSTA, 2011, p. 52)”. A reforma protestante transfigurou o ambiente espiritual e político, circundou toda a Europa e a consequência deste mover cultural foi rompimento da unidade do mundo Cristão.

O aparecimento do ceticismo Fideísta no século XVI a partir das discussões filosóficas sobreveio no contexto supracitado com a filosofia de Michel de Montaigne e seus seguidores. Ele apropriou-se integralmente das premissas do ceticismo que segundo Marcelo Da Costa (2011) aplicou-as às discussões intelectuais de sua época. “[...] ele propôs uma nova maneira de conceber a relação entre o ceticismo e a religião, segundo a qual a dúvida pirrônica prepararia o terreno para o florescimento da fé (DA COSTA, 2011, p. 53)”. O ceticismo no século XVIII era entendido como um raciocínio filosófico originário do pirronismo grego e do

ceticismo acadêmico, condensado crucialmente em argumentos acerca das condições pertinentes ao conhecimento, sendo utilizado como a principal arma contra as crenças religiosas. Com este argumento e tantos outros o ceticismo perdurou por todo século XVIII, influenciando não só o pensamento filosófico e teológico, mas também grande parte das ciências que tomaram forma neste mesmo século.

### **As influências da tradução latina das hipotiposes pirrônicas, do médico grego sexto em-pírico na filosofia do século XVI**

O advento do ceticismo filosófico dar-se adjacente aos principais filósofos ou doutrinas filosóficas da antiguidade clássica. Segundo Diógenes Laércio em sua obra “Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres”, em certo momento da sua exposição da vida de Pirro, o autor esforça-se para instaurar uma progênie<sup>2</sup> cética, que teria, sua gênese em Homero, passando por pré-socráticos e chegando a Pirro. De acordo com Batista (2012):

Apesar desta possível linhagem estabelecida por Diógenes ser passível de problematização, é certo que o trabalho atual em se tentar estabelecer uma linhagem ou uma datação precisa dos cétricos antigos é também muito difícil e pouco precisa. Existem vários problemas relacionados com a localização histórica dos cétricos antigos. Primeiro, muitos deles, talvez os mais importantes, nada escreveram ou, se escreveram, não nos restaram mais do que fragmentos. Depois, não se conhece com precisão nem a data, nem o local de nascimento de muitos dos principais cétricos. Sendo assim, é difícil determinar exatamente o que cada cétrico teria dito e, mesmo, se disse algo e quando (BATISTA, 2012, p. 119).

Pirro teve uma influência fundamental na história do ceticismo. Pirro teria nascido entre 365 e 275 a.C, semelhantemente a Sócrates não registrou suas ideias deixou essa tarefa posteriormente para seus discípulos. Das narrativas acerca da vida de Pirro, certamente um dos mais importantes são as de Diógenes Laércio, que, segundo Batista, (2012) “apresenta Pirro como um homem profundamente dedicado a suas concepções filosóficas, as quais, de certa forma, tornaram-no excêntrico” (BATISTA, 2012, p. 20).

O ceticismo Pirrônico deixou seguidores, e o mais conhecido entre eles foi Timão, que teria vivido entre 315 e 225 a.C. Sendo um celebre autor de poemas satíricos e admirador da leitura, Timão, diferentemente de Pirro, expôs suas ideias não apenas pelas cidades através da

---

<sup>1</sup> Especialização em Metodologia do Ensino em Filosofia e Sociologia (Faculdade de Nanuque), Graduação em Filosofia (Centro Universitário Claretiano de Batatais, Graduação em História (Universidade Estácio de Sá), Graduação em Teologia (FUV)

oratória, escreveu para que seu pensamento perpetuasse, para Batista (2012): “Depois de Timão, é incerto se houve ou não uma linha sucessória de pirrônicos até Sexto Empírico. Mais provável é que a linhagem tenha se rompido com Timão e só reaparecido muito depois, com Enesidemo” (BATISTA, 2012, p. 23).

. Apesar dos céticos gregos produzirem uma quantidade significativa de escritos, uma pequena cifra perdurou-se pelos séculos, subsistindo à ação do tempo e da natureza. O conhecimento desses escritos se deu através de pensadores tardios a época no qual os mesmos foram redigidos. O ceticismo antigo se deve predominantemente às obras tardias de Diógenes Laércio, Cícero e especialmente às obras do médico e filósofo grego Sexto Empírico. Segundo Conte (2010):

Os escritos de Sexto Empírico reapareceram na segunda metade do século 16. Primeiramente, numa tradução latina das Hipotiposes pirrônicas realizada por Henri Estienne, publicada em Paris em 1562. Logo em seguida, em 1569, numa tradução latina da obra *Adversus mathematicos*, realizada por Gentien Hervet. Foram esses textos que mais contribuíram para o surgimento do pensamento cético no início da filosofia moderna (CONTE, 2010, p. 356).

O ceticismo filosófico reaparece, após alguns séculos, com a introdução no século XV, na Itália das obras de Sexto Empírico, pensador que viveu entre os séculos II e III. Para Conte (1996) “o ceticismo voltou a figurar entre as demais filosofias e seus argumentos passaram novamente empregados nas discussões filosóficas” (CONTE, 1996, p. 5). Ascensão do ceticismo antigo no século XVI através da tradução latina das Hipotiposes Pirrônicas, na França, foi de enérgica importância para o surgimento e desenvolvimento da filosofia moderna.

No final do século XIII o pensamento humanista começa a se manifestar timidamente pela Europa, tendo seu ponto culminante precisamente no século XV. Segundo Reale (2004) “(...) nesse período, não ocorre apenas mudança no pensamento filosófico, mas também, em geral, a mudança da vida do homem, em todos os seus aspectos: sociais, políticos, morais, literários, artísticos, científicos e religiosos” (REALE, 2004, p.22).

No decorrer dos séculos XV e XVI a Europa ocidental passava por um processo de ascensão cultural, denominado pela historiografia europeia do século XVIII de Renascimento ou Renascença. As tempestades de teorias racionalistas e as diversidades de interpelações sobre as importâncias de um raciocínio crítico da realidade, transformaram a sociedade e a percepção de mundo do antigo regime. Na baixa idade média e no início da sociedade moder-

---

<sup>2</sup> O termo progênie é utilizado no texto supracitado para trazer uma ideia de descendência de filósofos que

na, a desestruturação do feudalismo e a efervescência do comércio com as navegações, construíram novos paradigmas e transformaram a forma de subsistir de diversas sociedades da europeia ocidental naquele período.

[...] o movimento da sociedade ocidental estaria programado desde a Idade Média e conduziria à modernidade através de um progresso contínuo, linear, ainda que se registrem pausas, solavancos, retrocessos. Este modelo mascara a real complexidade das observações significativas, a diversidade, a disparidade que contam entre as principais características da sociedade ocidental do século XVI ao XVIII: inovações e sobrevivências, ou o que assim chamamos, são indistinguíveis (ARIÈS & GEORGES, 2009, p.9).

A modernidade é marcada por continuidades, rupturas e disputas de poderes em diversos campos, seja ele político, religioso, econômico, social, artístico e científico. O historiador Norbert (2001), em sua obra “A sociedade de Corte”, busca compreender a sociedade do Antigo Regime na instância que, para ele, constitui o melhor objeto de análise, a corte. Para este estudioso, é a partir da Corte, símbolo máximo do poder político e social, que esta sociedade se organiza: O autor observa que “(...) a corte real do Antigo Regime sempre acumulou duas funções: a de instância máxima de estruturação da grande família real e a de órgão central da administração do Estado como um todo, ou seja, a função de governo” (NOBERT, 2001, p.27).

O surgimento do ceticismo Fideísta a partir das discussões filosóficas do período ocorre no contexto supracitado com a filosofia de Michel de Montaigne e de seus seguidores. Os estudiosos que suscitaram a ruptura radical na tradição céptica eram cristãos, desta forma não devemos generalizar o termo ceticismo Fideísta a todos os cépticos da época, pois aviam diversas correntes deste mesmo pensamento espalhados pela europeu. Utilizaremos a denominação Fideístas para diferenciarmos Michel de Montaigne e seus discípulos de outros estudiosos do período. De acordo com o autor, ceticismo Fideísta é:

[...] a perspectiva segundo a qual a verdadeira sabedoria cristã antitética a qualquer forma de ciência racional. A fé não pode ser fundamentada racionalmente sendo ela compatível, portanto, como ceticismo epistemológico. O fideísmo céptico se vale da descontinuidade entre evidência – ou falta dela – e crença – ou superstição (MAIA, 1994, p.63).

---

posteriormente poderiam ser adeptos ao mesmo pensamento filosófico.

O ceticismo ordena a psiquê para a admissão da fé, poupando-a de todos os princípios humanos, sejam opiniões ou sabedoria, desconstruindo e reconstruindo novos paradigmas para a recepção da loucura da fé. De acordo com Maia (1994): “O ceticismo não seria somente compatível com esta perspectiva religiosa, mas seria até mesmo útil” (MAIA, 1994, p.64), ele propôs uma nova maneira de conceber a relação entre o ceticismo e a religião, segundo a qual, a dúvida pirrônica prepararia o terreno para o florescimento da fé, conforme descreve Da costa ( 2011):

Em Montaigne, a postura cética quanto à religião não se reduz a uma simples acomodação externa às práticas religiosas tradicionais, mas o ceticismo epistemológico torna-se o ponto de vista filosófico mais propício a uma fé autêntica, já que, eliminando as ilusões de certeza produzidas pela reflexão dogmática, evidenciaria a insuperável precariedade da razão humana (sobretudo quando esta se arvora a julgar os mistérios da religião) e, com isso, tornaria o homem apto a acolher uma espécie de verdade que ultrapassa os limites de sua razão, sendo acessível apenas por obra da graça divina (DA COSTA, 2011, p.52).

Deste modo, Montaigne executa uma inter-relação entre duas correntes de raciocínio filosófico cético: os princípios da filosofia cética, amplificam uma análise crítica e metodológica das pretensões da razão humana e a “tradição fideísta a qual apoiando-se em Santo Agostinho afirma a preeminência da fé sobre a razão como via para o conhecimento de Deus” (DA COSTA, 2011, p.63). O pensamento filosófico de Montaigne almeja evidenciar que “nenhum argumento racional pode dar a palavra final sobre os inefáveis mistérios da religião, devendo esta fundamentar-se em uma fé que, reconhecendo a pequenez humana, se curva diante da grandeza divina (FRANCO, 2011, p.65).”.

## **A REFORMA PROTESTANTE E OS QUESTIONAMENTOS DOS CRITÉRIOS DE VERDADE**

A sociedade do Antigo Regime fortaleceu e centralizou o estado para fortalecer a economia e se organizar. Aspectos da transição da sociedade medieval para sociedade moderna ainda estavam presentes na modernidade, fazendo parte dela. Uma dessas transições era o que se entendia por estado, conforme relata Hilário franco (2001) em sua obra: A Idade Média: Nascimento do Ocidente, “apenas a partir de meados do século XIII o Estado começou a ganhar o sentido atual de corpo político submetido a um governo e a leis comuns, e somente em fins do século XV essa acepção tornou-se usual”(FRANCO, 2001, p.65).

Com a ascensão comercial e urbana na Baixa Idade Média e os novos paradigmas sociais adentrando a sociedade do século XII ao XV, o poder político e religioso da Igreja Católica Romana já não correspondia os anseios, principalmente, da nobreza e da emergente burguesia. A Baixa Idade Média é um momento no qual a Igreja Católica passa por disputas internas e externas. Segundo Franco (2001), “Nessa fase complicada para a Igreja, ocorreram diversos choques de interesse entre mendicantes e clérigos seculares. Os primeiros criticavam os costumes mundanos dos segundos, e estes acusavam aqueles de incitar os fiéis contra a Igreja (FRANCO, 2001, p.70)”.

O século XIII foi marcado pela diminuição das guerras, com o término das cruzadas, paira sobre a Europa uma brisa de paz. Com a diminuição de mortandade e o aumento de alimentos na Europa, há um crescimento demográfico no continente. Este último fato foi interrompido, em meados do século XIV, com as epidemias, que mataram cerca de um terço da população europeia. Neste período de caos social, o imaginário religioso da época, via a peste como um poder punitivo de Deus e gerava a espera da vinda escatológica do messias, conforme conceitua Bastos (1997) em sua obra “Pecado, Castigo e Redenção: a Peste como Elemento do Proselitismo Cristão (Portugal, Séculos XIV/XVI):

A assimilação das epidemias a um castigo divino explicita-se como um processo de investimento de sentido cujos principais artífices foram membros da Igreja, que o instrumentalizaram, instituindo e disseminando esta concepção através de discursos (orais e escritos), imagens, ritos e cerimônias estabelecidas, salvo engano, no Ocidente a partir de fins do século V. Nas sociedades ocidentais, tal qual a doença, a formulação da interpretação cristã desta inscreve-se na longa duração, sorvendo o manancial vetero-testamentário para circunscrever um campo primordial de referência (BASTOS, 1997, p.80).

O advento da Idade Moderna, entre o século XV e XVI, o fortalecimento da classe burguesa, o enfraquecimento do feudalismo e a fragmentação medieval dão lugar à concentração de poderes nas mãos de um único indivíduo, no caso, o rei, que passou a condensar as instâncias de poder. Este período é conhecido como Absolutismo Monárquico. Neste contexto do século XVI, o norte da Alemanha tornou-se o centro da Reforma Protestante, com este movimento religioso toda a Alemanha esta sendo estremecida pelas guerras religiosas em seu território, que estava repartida em duas seções: o Norte protestante e sul católico.

A reforma protestante transformou o cenário espiritual e político da época, “envolvendo toda a Europa e cujo resultado foi à dolorosa ruptura da unidade do mundo cristão. Do ponto de vista da unidade da fé, a Idade Média termina com Lutero, iniciando-se com ele im-

portante fase do mundo moderno” (REALE, 2004, p.70). Neste período, o religioso surgiu como um pensamento revolucionário de subjetividade. Para tal, ele propôs uma reflexão sobre a discussão acerca do critério de verdade a partir da interpretação bíblica por meio da iluminação do Espírito Santo, rompendo com os critérios milenares da autoridade dos Padres da Igreja, do Magistério e dos Concílios.

O principal argumento de Lutero contra a Igreja Católica foi apontar a oposição entre seus dogmas e suas práticas, dentre as quais se destacavam a venda de indulgência e a vida mundana dos sacerdotes católicos. Dessa forma, Lutero constrói sua crítica e contesta determinados dogmas da igreja a partir das suas próprias tradições e posições. Em alguns dos seus manifestos, segundo os esclarecimentos de Edney José Da Silva (2008) (...) “Lutero estende a sua crítica até mesmo à autoridade papal e às tradições da igreja, apresentando para isso um novo critério para se contrapor ao critério católico. Este novo critério adotado por Lutero foi à consciência” (DA SILVA, 2008, p.20).

“Lutero defende então diante das autoridades eclesiásticas que aquilo que a sua consciência o impele a crer no que se refere à leitura das Sagradas Escrituras e ao estabelecimento das crenças cristãs é o que deve ser tomado como a verdade. Em outros termos a consciência era o novo critério adotado por Lutero (DA SILVA, 2008, p.13)”

Este reformador foi um grande Teólogo e escritor, e suas obras são fundamentais para disseminação da nova espiritualidade, dentre as quais destacam-se: o Comentário a carta aos Romanos (1515-1516), as noventa e cinco Teses sobre as indulgências (1517), As vinte e oito teses relativas á Disputa de Heidelberg (1518) e os grandes escritos de 1520; além de Apelo a nobreza cristã da nação alemã pela reforma do culto cristão, O cativo babilônico da igreja e A liberdade do cristão e além do Servo Arbítrio, contra Erasmo, em 1525.

Segundo os esclarecimentos de Giovanni Reale (2004): “do ponto de vista histórico, o papel de Lutero é da maior importância, pois com sua Reforma religiosa logo se entrelaçaram elementos sociais e políticos que mudaram a fisionomia da Europa” (REALE, 2004, p.71). Contudo Lutero influenciou significativamente também a história do pensamento filosófico, pois seu novo paradigma religioso exerceu forte influências sobre as ideias de Hegel e Kierkegaard, como nos aponta Reale:

Entretanto, Lutero merece um lugar também em termos de história do pensamento filosófico, seja porque verbalizou a instância de renovação o que os filósofos da época fizeram valer, seja por algumas valências teóricas (sobretudo de caráter antropológico e teológico) intrínse-

cas ao seu pensamento religioso, seja ainda pelas consequências que o novo tipo de religiosidade por ele suscitado exerceu sobre os pensadores da época moderna (por exemplo, sobre Hegel e Kierkegaard) e da época contemporânea (REALE, 2004, p.71).

A Europa é marcada pelo reingresso do pensamento cético na segunda metade do século XVI, por meio dos escritos de Sexto Empírico primeiramente, numa tradução latina das Hipotiposes Pirrônicas, publicada em Paris e, logo em seguida, em 1569, com a publicação de outra obra deste autor, *Adversus Mathematicos*, realizada por Gentien Hervet.

O reingresso do ceticismo ao campo da filosofia ocidental coincide com o período da Reforma, época de crise na qual as certezas que imperavam durante a Idade Média são postas em questão e novas visões do mundo são propostas, pretendendo revelar os segredos do ser e do conhecer, do natural e do sobrenatural, do Homem e de Deus. Nesse contexto de acirradas disputas filosóficas e teológicas, as obras de Sexto Empírico são redescobertas e difundidas, influenciando, em maior ou menor grau, diversos pensadores, dentre eles Erasmo de Roterdã em sua controvérsia com Lutero acerca do livre arbítrio e da graça divina (COSTA, 2011, p.53).

A familiaridade de Lutero com os filósofos do século XVI era negativa, o descrédito na capacidade do homem de salvar-se a si próprio sem a ajuda da graça de Deus, “levaria Lutero a não dar qualquer valor a uma investigação racional autônoma, a qualquer tentativa de examinar os problemas de fundo do homem com base no logos, na pura razão” (REALE, 2004, p.73).

O novo critério adotado por Lutero para desenvolver uma consciência livre, dando uma oportunidade aos leigos de uma nova interpretação da Escritura Sagrada, não mais através da igreja, mas pela subjetividade e iluminação do Espírito Santo, logo foi tratado pela Igreja Católica como heresia. Com a nova espiritualidade proposta a Igreja sentia-se ameaçada, crendo que suas tradições e verdades estavam em risco. Neste contexto, percebemos a instauração da problemática fundamental, como atesta Popkin (2000) na seguinte passagem:

Uma das principais vias através das quais as posições céticas penetraram no pensamento do final do Renascimento foi uma disputa central na Reforma, a disputa acerca do que seria o padrão correto do conhecimento religioso, o que era chamado “a regra de fé”. Este argumento levantava um dos problemas clássicos dos pirrônicos gregos, o problema do critério de verdade (POPKIN, 2000, p.25).

O que sucedeu após o novo paradigma da “consciência” utilizado por Lutero foi à alteração dos teólogos católicos, neste contexto surge Erasmo de Rotterdam. Em sua oposição ao paradigma de Lutero, Erasmo faz uso de uma argumentação predominantemente cética, que, de acordo com os seus raciocínios, a Bíblia está impregnada de passagens complexas e de difícil compreensão, passagens que são inacessíveis à compreensão do Homem devido à limitação da razão em tornar claro os critérios do verdadeiro e o falso, para Erasmo a clareza das escrituras não está de acordo com as afirmações de Lutero e seus critérios não solucionaria os problemas, vejamos conforme descreve Da Silva:

Por consequência, as escrituras não são tão claras quanto Lutero afirma e seu critério não poderia resolver o problema: outros critérios poderiam ser adotados para estabelecer outras interpretações que poderiam em princípio ser tão corretas quanto a de Lutero. Com isso Erasmo termina por defender um tipo de fé cristã simples sem a necessidade do tipo de investigação acerca dos critérios para o estabelecimento do conhecimento religioso empreendida pelos teólogos, devido à divergência de opiniões que estas investigações suscitam (DA SILVA, 2008, p.14).

A fundamentação teórica que Erasmo utilizou para criticar os critérios de Lutero tem por influência a filosofia cética, pois ele apoia-se no paradigma de verdade utilizado pelos céticos da Grécia Antiga para desconstruir o pensamento teológico de Lutero. As Hipóteses Pirrônicas, traduzidas no século XVI influenciaram não só o pensamento de Erasmo, mas também toda a filosofia Moderna. Para Da Silva (2008) “Erasmo tem em sua natureza a mesma essência da argumentação apresentada pelo ceticismo antigo, sem, contudo, possuir a sistematicidade deste, acerca da impossibilidade do estabelecimento do critério de verdade (DA SILVA, 2011, p.15)”.

Segundo Erasmo, diante da impraticável decisão acerca de um fundamento a respeito da razão, o raciocínio humano é incapaz de averiguar os enigmas e propósitos de Deus, “o melhor seria suspender o juízo à maneira cética e permanecer fiel à tradição da igreja católica (DA SILVA, 2008, p.17)”. Para Popkin (2000) “Uma vez que ele se sentia incapaz de distinguir o verdadeiro do falso com certeza, preferia que a instituição que vinha sendo responsável por esta distinção durante séculos assumisse a responsabilidade disto (POPKIN, 2000, p.34)”

As argumentações de Lutero contra as contestações de Erasmo nos remetem à verdadeira postura do cristão, este não deve fazer uso de um raciocínio cético, tendo em vista que a sua nova regra de fé ilumina as verdades primeiras do cristianismo a partir da leitura das Escrituras Sagradas. Adotar um posicionamento cético a frente dessas verdades, seria para Lutero

como se o cristão negasse o próprio cristianismo. Para Lutero, o cristianismo é negação absoluta do ceticismo.

### **As contribuições do ceticismo pirrônico na filosofia iluminista do século XVIII**

O ceticismo no século XVIII era entendido como um raciocínio filosófico originário do pirronismo grego e do ceticismo acadêmico, condensado crucialmente em argumentos acerca das condições pertinentes ao conhecimento, sendo utilizado como a principal arma contra as crenças religiosas. A concepção da palavra “cético” foi se transformando no decorrer dos séculos, a mesma não era mais associada somente às questões ligadas a um caráter questionador, mas “passou a ter um significado maior: um questionador da revelação Judaico-cristã (POPKIN, 2011, p.67 O Iluminismo no século XVIII é a filosofia predominando no cenário europeu. O Iluminismo dar forma a um dinâmico raciocínio filosófico, pedagógico e político que conquista aos poucos as classes intelectuais e a burguesia em crescimento nos múltiplos países europeus. De acordo com Reale (2005) “a característica fundamental do movimento iluminista consiste em uma decidida confiança na razão humana, cujo desenvolvimento é visto como o progresso da humanidade em um desinibido uso crítico da razão”. Seguindo os esclarecimentos deste pesquisador :

Em todo o séc. XVIII não entende mais a Razão como o território das "verdades eternas" e das "essências" (como ocorria nos grandes sistemas metafísicos do século precedente). A Razão dos iluministas e a do empirista Locke, que encontra seu paradigma metodológico na física de Newton: trata-se, portanto, de uma Razão limitada a experiência e controlada pela experiência, que procura as leis do funcionamento dos fenômenos e as coloca em prova (REALE, 2005, p.220).

A filosofia cética do iluminismo buscava a libertação dos dogmas metafísicos, das superstições, tradições religiosas e opressões políticas. Os esclarecimentos de Reale (2005) nos demonstra que no decorrer do século XVIII a compreensão da razão não estava, mas associada ao campo das “verdades eternas” e das “essências”. A hermenêutica elaborada pelos iluministas sobre Razão se inspirava no raciocínio do filósofo inglês e ideólogo do liberalismo John Locke que se debruçava sobre o paradigma metodológico da física de Newton, que de acordo com Reale (2005) “trata-se, portanto, de uma Razão limitada à experiência e controlada pela experiência, que procura as leis do funcionamento dos fenômenos e as coloca em prova (REALE, 2005, p.222)”. O iluminismo é a escapatória do ser humano de se subjugar a incapacidade e usufruir do seu próprio raciocínio, sem ser guiado por outro. A Razão indiscuti-

velmente para esses pensadores estava na capacidade de compreender e defender o conhecimento científica e a técnica na proporção de utiliza-la na transformação do mundo, das condições espirituais e materiais da humanidade.

A condição de servidão do homem é imputada a si próprio pela indecisão e audácia de não utilizar o próprio intelecto. O raciocínio iluminista se apropria do pensamento filosófico cético de que apenas com o desenvolvimento da nossa consciência é que podemos ser libertos da servidão de pré-julgamentos, sejam eles religiosos, supersticiosos ou filosóficos. A razão iluminista é limitada e comandada pela experiência é sem sombra de dúvida um raciocínio independente das verdades revelação religiosa e inatas das filosofias racionalistas.

De acordo com as afirmações de Reale (2005) “a verdadeira filosofia do Iluminismo não se identifica com as teorias dos iluministas. Com efeito, ela "não consiste [...] tanto em determinadas teses, mas muito mais na forma e no modo da investigação conceitual”. Em suma, a originalidade filosófica do raciocínio iluminista está na criteriosa separação dos paradigmas e no uso que o indivíduo pretende fazer deles, tendo em consideração o aperfeiçoamento do planeta Terra e da raça humana que o habita. Para este pesquisador: [...] dessa investigação é que se pode captar as forças espirituais fundamentais aqui dominantes e somente aí é que é possível sentir a palpitação da vida íntima do pensamento na época iluminista. Apesar das diversas concepções iluministas apresentadas na Europa no decorrer do século XVIII, alguns princípios gerais apresentados no texto aqui apresentado são fundamentais para compreensão da filosofia iluminista.

### **Considerações finais**

Diante do exposto, o objetivo desta pesquisa foi realizar uma análise das influências da tradução latina da Hipotiposes Pirrônicas, de Sexto Empírico na filosofia moderna, dentre as quais se destaca o questionamento tanto às filosofias que alegavam ter descoberto a verdade, como as filosofias de Aristóteles, de Epicuro e dos estóicos; quanto às que negam a possibilidade de encontrá-la, como a dos Acadêmicos; e as que ainda a procuram, como a escola cética.

Após as traduções dos escritos de Sexto se espalharem pela Europa, no século XVI, constatamos que os argumentos clássicos do ceticismo Pirrônico se difundiram, deixando um legado de discussões epistemológicas. A ascensão do ceticismo antigo no século XVI por meio da tradução latina das Hipotiposes Pirrônicas, na França, foi de suma relevância para o surgimento e desenvolvimento da filosofia moderna.

Depreendemos que o raciocínio pirrônico dos critérios de verdades, foi uma reflexão ativa na Reforma e Contra-Reforma, conduzindo muitos teólogos e filósofos a uma produção acadêmica inovadora. Postulamos que o ceticismo transformou-se em uma corrente filosófica indispensável a ser confrontada e, principalmente, superado, na filosofia moderna. As contribuições do ceticismo antigo na filosofia iluminista foram essenciais na libertação dos dogmas metafísicos, das superstições e tradições religiosas que tinha seus alicerces em ideias utilizavam o raciocínio de verdades imutáveis e absolutas para construir suas ideias.

## Referências

ARIÈS, P & GEORGES D. **História da Vida Privada: Da Renascença ao Século das Luzes**, São Paulo: Schwarcz, Vol.3, 2009.

BASTOS, Mario J. M., **Pecado, Castigo e Redenção: a Peste como Elemento do Proselitismo Cristão**. Rio de Janeiro: Tempo, Vol. 2, 1997

BATISTA, B. A **narrativa neopirrônica: uma análise das obras de Porchat e Fogelin**. 2012. 267 f. Tese (Doutorado em Filosofia), Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais. 2012.

CONTE, J. **O Início: Sexto Empírico e o Ceticismo Pirrônico**. Revista Cultura. 2010, 121, (Setembro): Acesso em 29 de Junho de 2014. Disponível em:<<http://www.cfh.ufsc.br/~conte/txt-cult.pdf>.

\_\_\_\_\_, **Montaigne e o Ceticismo**, Introdução, Trabalho de Conclusão de Curso - Universidade Federal de Santa Catarina – SC, 1996.

DA COSTA, M. **CETICISMO E RELIGIÃO EM MONTAIGNE** Interações: Cultura e Comunidade. 2011, 6 (Julho-Dezembro) : Acesso em: 11 de Julho de 2014. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=313027316003> ISSN 1809-8479

DA SILVA, E. **O Papel Do Ceticismo Na Filosofia Do Jovem Hegel**. 2008. 98 f. Tese (Mestrado em Filosofia) , Universidade Federal Do Rio Grande Do Norte – Rio Grande do Norte, 2008.

LAÉRCIO, L. **Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres**. Brasília: UnB, 1988.

FRANCO, H. **A idade Média: Nascimento do Ocidente**. São Paulo Brasiliense, 2001.

MAIA, J. **De Montaigne a Pascal: do fideísmo cético à cristianização do ceticismo**. O Que nos Faz Pensar, 1994. 8. Acesso em: 1 de Junho de 2014. Disponível em: [http://www.oquenofazpensar.com/adm/uploads/artigo/de\\_montaigne\\_pascal\\_do\\_fideismo\\_cetico\\_a\\_cristianizacao\\_do\\_ceticismo/n8jose.pdf](http://www.oquenofazpensar.com/adm/uploads/artigo/de_montaigne_pascal_do_fideismo_cetico_a_cristianizacao_do_ceticismo/n8jose.pdf)

NOBERT, E. **A Sociedade de Corte**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

POPKIN, R. **Novas considerações sobre o papel do ceticismo no Iluminismo**, Sképsis, 2011. 6, Acesso em: 1 de Junho de 2014. Disponível em: [http://www.revista-skepsis.com/skepsis/n6/4novas\\_consideracoes.pdf](http://www.revista-skepsis.com/skepsis/n6/4novas_consideracoes.pdf)

\_\_\_\_\_, **Historia do Ceticismo de Erasmo a Espinoza**. Tradução de Danilo Marcondes. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 2000.

REALE, G, **Historia da Filosofia: do humanismo a Descartes**. São Paulo: Paulus. Vol.3. 2005.

\_\_\_\_\_, **Historia da Filosofia: De Spinoza a Kant**, São Paulo: Paulus, Vol.4. 2004.